

# POÉTICAS DA RUÍNA: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA NAS OBRAS DE BERNARDO CARVALHO

*Larissa Moreira Fidalgo*

*Orientador: José Luis Jobim*

*Mestre - Dissertações Recentes*

RESUMO: Segundo Paul Ricoeur (2010a), há entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Se considerarmos, portanto, que o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo, produzindo a continuidade e a unidade de nossa consciência, perceberemos que ao longo da história várias foram as tentativas de se compreender seus mecanismos de funcionamento. Tais tentativas, por sua vez, reduziam-se ao estabelecimento de um padrão regular e homogêneo na relação passado/presente responsável por guiar nossas experiências do mundo. Entretanto, reconhecendo os procedimentos de controle e exclusão de todo discurso que se pretende verdadeiro e a impossibilidade de conhecermos o passado em sua totalidade, ficção pós-moderna sugere que mudemos nosso horizonte de análise, direcionando nossa atenção para os sistemas de signos narrativizados que conferem forma à nossa experiência temporal. E é justamente nesse contexto metaficcionalmente autoconsciente que o presente encontra-se inserido. Questionando a maneira pela qual conhecemos o tempo passado e suas implicações no tempo presente, a literatura contemporânea desconstrói a noção de centro, de uma imagem transitiva de “verdade”, abrindo espaço para novas marcas temporais e identitárias. A partir dessa perspectiva, analisaremos os romances *Nove noites* e *O filho da mãe*, ambos do brasileiro Bernardo Carvalho.

PALAVRAS-CHAVE: pós-modernismo, literatura brasileira contemporânea, história, Bernardo Carvalho.

### Uma necessária apresentação de nossa(s) Teoria(s) Literária(s)

Toda pesquisa que se propõe científica requer apresentações, para não dizer explicações, sobre a metodologia empregada. Entretanto, se a técnica está na base de toda prática analítica, se no percurso da compreensão já se delinea o objeto a ser investigado, podemos dizer que não mais é possível falar da teoria por si mesma, mas somente de seu trabalho, do trabalho teórico. Enquanto prática que define reflexivamente seu obreiro e toda uma cadeia de produção crítico-discursiva, a teoria só se realiza em um trabalho, que a desloca e que a faz operar enquanto fenômeno. Na concepção do filósofo alemão Martin Heidegger (2012), o fenômeno designa os modos de estar e se relacionar com “a mundanidade do mundo em geral”, que é aquele em que estamos e somos e cuja ocupação se desvela a partir do conjunto de relações estabelecidas com e provenientes dessa rede. Por conseguinte, podemos dizer que a análise estrutural da teoria revelaria uma integração de três momentos fundamentais. O primeiro momento indicaria que o exercício teórico já tem uma posição, que possibilita o horizonte das articulações, uma “posição prévia”, nas palavras de Heidegger. O segundo, denominado “visão prévia”, assinalaria a perspectiva em que se observa o conjunto das articulações. Por fim, teríamos a apreensão desse conjunto de visões prévias de um determinado objeto de estudo, expresso por “concepção prévia”. Nessa analítica, situamos o exercício teórico num conjunto de possibilidades e relacionamentos que abarca o material e o usuário a partir de um mundo já estruturado e estabelecido e que ao mesmo tempo se *pro-jeta* para o movimento e o processo dessa estruturação do mundo. Buscar, portanto, o sentido da teoria, como muitos ainda insistem em fazê-lo, é o mesmo que desconhecer seus mecanismos de funcionamento, ignorando a relação sempre difusa e disforme estabelecida entre o objeto e a dinâmica temporal que a impulsiona e a define. Nesse sentido, se as características diferenciais dos objetos são estabelecidas, quer aceitemos ou não, pelo trajeto metodológico que seguimos, todo teórico — e toda teoria, diga-se de passagem — precisa ser contemporâneo de si mesmo, desvencilhando-se de conceitos desgastados para se aventurar nas “novas” redes que condicionam os saberes. E se ser contemporâneo significa ter o dorso quebrado, mas ainda assim tentar compreender nosso século-fera, estabelecendo uma singular relação com o próprio tempo através de uma dissociação e um anacronismo, como diria Giorgio Agamben (2010), podemos dizer que a teorização é sempre retorno, busca constante e não procura por uma origem; estado latente de revisão de seus próprios conceitos.



Dessa forma, se um caminho teórico faz-se necessário, esse caminho é da problematização das ideias preconcebidas dos estudos literários, observando a teoria literária como um contradiscurso que, no paradoxal fluxo do tempo histórico/literário contemporâneo, põe em questão os pressupostos da crítica tradicional. E foi isso o que fizemos durante a pesquisa desenvolvida para a escrita de nossa dissertação. Mergulhando na conturbada era pós-moderna de ruptura do saber dominante, revisitamos e reavaliamos criticamente, as correntes dominantes da Teoria Literária tradicional e seus dispositivos estéticos e políticos homogeneizantes em contraste com as profundas mudanças ocorridas no campo literário e cultural a partir da década de 80. Corroborando a perspectiva de Hutcheon (1991, p. 12), a poética do pós-modernismo, aqui ilustrada pela ficção, reflete a crise dos estudos literários:

(...) que estão presos entre a urgente necessidade de essencializar a literatura e sua linguagem num repositório textual exclusivo, vasto e fechado, e a contrastante necessidade de proporcionar “relevância” à literatura, localizando-a em contextos discursivos mais amplos. Tanto a arte como a teoria pós-modernas são a encarnação dessa própria crise, não ao tomarem um dos partidos, mas as sobreviverem à contradição de ceder a essas duas necessidades.

Assim, buscamos compreender a obra literária como um discurso que, se por um lado dialoga com os demais meios de comunicação que se utilizam da linguagem para gerir sua mensagem, por outro lado, precisa ser estudado como objeto estético, não como documento ou reflexo da realidade.

### **Um passeio pelo bosque da ficção brasileira contemporânea**

Situado em um contexto de questionamento dos conceitos clássicos de verdade e objetividade, o que chamam de poética do pós-modernismo provoca intensas transformações em diversos campos do saber. Os discursos, literário e histórico, antes muitas vezes compreendidos em compartimentos quase estanques, mostram-se interligados em perspectivas críticas. E foi justamente nessa interseção que o projeto de pesquisa encontrou-se inserido, pois acreditar na usual dicotomia que tornava o conhecimento histórico incompatível com o saber literário pode seria o mesmo que negar as inúmeras possibilidades de efeitos de significação da complexidade e pluralidade de uma literatura de desconstrução do senso comum.

Assim percebida, a narrativa pós-modernista vem mostrando/nos mostrou que, se a ficção é historicamente condicionada e a história é discursivamente estruturada, precisamos compreender essas relações desconstrutivas conforme propõe Linda Hutcheon (1991), por meio do conceito de “metaficção historiográfica”. Estabelecendo uma relação dialógica entre presente e passado, através da inserção de fatos incisivamente históricos em um universo ficcional, essa poética nos inseriu em uma verdadeira rede de indagações e reformulações do que seja a literatura, hoje, do que seja esse contrassistema que nos apresenta lugares diferentes de fala. Afinal, como um “objeto transicional” (WINNICOTT *apud* Lima, 2006, p. 289), o discurso literário não busca, diferentemente das práticas Históricas, a reconstrução de uma situação historicamente marcada, mas um sistema de possibilidades, uma reorganização intransitiva de uma rede simbólica e culturalmente histórica.

Como um universo que mantém a permanência da pluralidade, da heterogeneidade ao contrariar as antigas tradições proféticas das atividades representativas culturais, a escritura ficcional pós-moderna desconstrói a noção de centro, de uma imagem transitiva de “verdade”, abrindo espaço para novas marcas temporais, novas possibilidades e, portanto, novas abordagens além daquelas oferecidas pelos “registros oficiais” da História em seus sistemas de exclusão e seleção dos aspectos constituintes da rede conceitual das ações das quais os sujeitos fazem parte. Reordenando as coordenadas do mundo experimentado e operando uma trans-figuração das usuais características semânticas de nossa experiência cultural, a literatura “afeta os campos de referência do mundo sociocultural, deles retirando suas funções reguladoras e, desautomatizando-os, os converte em objetos de percepção” (LIMA, 2006, p. 285) e não de contemplação. Em outras palavras, ao invés de simplesmente utilizar a linguagem mediante tratados sistemáticos apartada de suas configurações históricas, a poética do pós-modernismo ressalta as complexas dimensões simbólicas do mundo experimentado. Dimensões, estas, que estruturadas sobre os mais diversos fenômenos constitutivos da sociedade contemporânea, não são passíveis de redução e exclusão. Assim, ao conferir valor de equivalência aos saberes que a linguagem engrena, desafiando e subvertendo a cultura no interior de seus pressupostos, a literatura nos oferece um complexo universo de (re) construção cultural, uma possibilidade de (re) nascimento cultural. Nesse sentido, podemos dizer que a literatura não é apenas um conjunto de obras, mas um tecido de significantes e de força fundamental no processo de construção dos saberes políticos e históricos. Afinal, na

visão do historiador Hayden White acerca das fronteiras entre os gêneros literários e do discurso,

A antiga distinção entre ficção e história, na qual a ficção se concebe como a representação do real, deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o real assemelhando-o ao imaginável. (...) Isto implica que toda a narração não é simplesmente um registro do ‘que passou’ na transição de uma situação à outra, mas sim uma redescrição progressiva das séries de acontecimentos de maneira que desmantelam uma estrutura codificada (2003, p. 137).

Por conseguinte, nesse jogo com a linguagem que não nos apresenta uma verdade dogmática frente aos paradoxos do tempo, as considerações de Maurice Blanchot (2011) acerca do espaço literário foram imprescindíveis. Segundo o crítico francês, a arte jamais pode ser definida como algo acabado ou inacabado. Sendo desprovida de elementos meramente comprobatórios – uma vez que os dados sócio-históricos, quando integrantes do discurso artístico, são esvaziados de sua natureza documental para se transformarem em elementos de uma estrutura que funciona como se fosse independente –, a “verdade” da literatura e da arte não se verifica objetivamente, nem é corroborada por fatores externos a ela, simplesmente.

Sua verdade está diretamente relacionada a maneira como esta habita o mundo, sem estar tenuamente ligada a ele. Retida do próprio *entre-ser* (*dasein* histórico), a descontinuidade da rede de significâncias do literário nos convida a explorar sua própria profundidade no mundo codificado em que vivemos. Como consequência do seu encontro com o mundo – que é, ao mesmo tempo, o nosso – o discurso literário, a escritura, nos conclama a interagir criticamente com o meio que nos circunda. E é essa “manualidade” do literário que o distingue como um instrumento privilegiado da relação poesia-linguagem-pensamento. Assim, antes de uma crítica impressionista do literário, verificamos a necessidade de uma “nova” forma de reflexão que privilegie o Ser e o mundo – a começar pelo reconhecimento dos elementos sociais de todo processo cultural.

Afinal, no mundo codificado em que vivemos, observamos uma forte tendência da comunicação humana em tentar explicar em vez de interpretar os sistemas de signos que conferem forma à nossa experiência temporal. Como bem observou Todorov (2007, p. 79), a todo momento, um membro de uma determinada sociedade está imersa num conjunto de

discursos que se apresentam a ele como dogmas aos quais ele deveria aderir. São os lugares-comuns de uma época, as ideias que formam a opinião pública, ou, em outras palavras, aquilo que chamamos de “ideologia dominante”.

Quanto mais nos sentimos integrados em uma determinada cultura, menores são as chances de compreendermos o significado de tal integração. Incapazes de neutralizar as luzes do nosso século e de reconhecer que aquela estrela resplandecente céu foi há muito encoberta pelas ruínas que se acumularam diante de nossos olhos, somos, inevitavelmente, enviados ao messiânico mundo das Ideias cuja *politéia* bem fundamentada repousaria sobre a inabalável atitude contra o pensamento (crítico). Passamos a nos assemelhar, portanto, àquela ingênua criança que ao contemplar seu reflexo no espelho - num jogo de projeção e reflexão no qual as coisas parecem entrar e sair uma das outras sem mediação - maravilha-se com a imagem refletida.

Entretanto, nosso ser-no-mundo, nossa *presença* num mundo codificado não tem uma urdidura lisa e unívoca edificada numa lógica binária que propõe apenas duas soluções - uma verdadeira e outra falsa. Nas palavras de Terry Eagleton (2009, p.210),

Como ponto de fratura interna da ordem simbólica, o Real é aquilo que resiste a ser simbolizado, uma espécie de sobra ou resto que fica depois que a realidade é totalmente formalizada. Ele é o ponto em que nossa criação de signos vai-se reduzindo à incoerência e nossos significados começam a se esgarçar nas bordas; e, como tal, ele não se registra diretamente, mas sim como o limite externo de nosso discurso ou como silêncio inscrito nele. Representa um núcleo sólido ou um vazio hiante no cerne de nossos esquemas simbólicos (as metáforas contraditórias são apropriadas), o qual, ao impedir que algum dia eles venham a se harmonizar inteiramente, é a ruína de qualquer totalidade e a sabotagem de qualquer produção de sentido. Ele é o tronco surdo de pura falta de significação que ecoa em nossa fala articulada, é a imperfeição de nosso ser que não há esforço de trabalho espiritual que endireite. Na raiz do significado, como na da poesia, há sempre um resíduo permanente de contrassenso.

Nesse sentido, começamos a nos questionar sobre a possibilidade de compreendermos nossa realidade ou, para os mais corajosos, de aprender a dinâmica do sempre incerto e ambíguo Real. E como somos indivíduos históricos cuja relação com o tempo presente dá-se através de um deslocamento e de um anacronismo, observamos a profunda necessidade de voltar para o tempo passado com questões do presente para voltar ao

presente, com o lastro do que se compreendeu do passado. E é justamente esse retorno que nos interessou ao longo de nossa pesquisa.

Determinante na constituição de barreiras entre o homem e o mundo em uma época na qual os sujeitos não vivem mais de maneira imediata, mas enfrentam sua realidade, o retorno às questões perdidas do passado pode ser realizado de duas formas distintas: ora podemos adotar uma concepção um tanto monológica da realidade que estabelece uma simples relação causal, totalizadora e essencializadora entre um sujeito e seu objeto – como o faz a historiografia –, ora podemos nos aventurar num lugar de terceira margem que, ao demonstrar uma realidade velada por camadas, rompe com nossas explicações de sentidos prévios e desgastados sob o toque do “susto”: o discurso literário, “espaço aparentemente inconhecível que a palavra apreende e diante da qual ela nos faz parar um momento, sobressaltados” (DUFORMANTELE, 2003, p. 26).

E paramos sobressaltados ao ler criticamente os romances *Nove noites* (2002) e *O filho da mãe* (2010), do brasileiro Bernardo Carvalho. A escolha dos romances se deveu ao fato de que ambos estabelecem os pressupostos dos problemas que propomos discutir aprofundadamente: as híbridas relações entre história e ficção, fixadas pela poética do pós-modernismo.

Inserindo elementos incisivamente históricos em seus universos ficcionais – no caso de *Nove noites*, os mistérios que envolvem o suicídio do antropólogo americano Buell Quain; e no caso de *O filho da mãe*, o episódio bélico da guerra da Tchetchênia –, as poéticas carvalianas nos mostram que, entre a superfície dos acontecimentos e suas camadas mais profundas existe uma hierarquia estratificada de estruturas que resulta do cruzamento de relações de poder e saber. Desse modo, ao invés de observarmos a construção de uma simples relação causal entre um sujeito e seu objeto – como o faz a historiografia –, somos direcionados para a descontínua estrutura do *ser-no-mundo* e de suas configurações narrativizadas. Em outras palavras, observaremos de que forma o discurso literário, como defendido em trabalho anterior (FIDALGO, 2013), pode ser compreendido como uma forma mais produtiva de se compreender a experiência humana quando cada membro da sociedade encontra-se inserido num conjunto de discursos que se apresentam a ele como dogmas e evidências. Pois como bem observou Todorov (2009, p.64), o poder de ruptura do discurso

ficcional, estabelecido por uma relação de significância e derivação, nos permitirá concluir — sem o estabelecimento de um ponto final — que a arte não só conduz ao conhecimento do mundo, mas revela a existência dessa verdade cuja natureza é diversa.

Sem comprometer seu caráter ficcional, *Nove noites* e *O filho da mãe* não visam ao esgotamento das possibilidades, mas, através de múltiplas perspectivas e sentidos, nos evidenciam como o “texto ficcional se relaciona com a realidade sem se esgotar em sua descrição” (ISER, 2002), a partir do momento em que as asas do anjo da história não se fecham, como diria Benjamin (1985) ao observar que o lugar da história não é um lugar vazio e homogêneo, mas um tempo constituído de “agoras”.

### **Uma possível (in) conclusão**

Assim, após uma intensa e extensa pesquisa cujo trajeto foi aqui apresentado brevemente, e corroborando a perspectiva de Paul Ricoeur (2010, p. 137), a pesquisa de mestrado nos possibilitou dizer que é às obras literárias que devemos em grande medida a ampliação de nosso horizonte de existência, pois, longe de produzirem apenas imagens enfraquecidas da realidade, elas só retratam essa mesma realidade acrescentando-a de todas as significações possíveis.

### **Referências**

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.



CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

\_\_\_\_\_. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

EAGLETON, Terry. *O problema dos desconhecidos*. Um estudo da ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FIDALGO, Larissa Moreira. (Re) elaborando as experiências passadas: *Nove noites*, de Bernardo Carvalho. *Fórum de literatura brasileira contemporânea*, 8. Rio de Janeiro, UFRJ, 2013.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. São Paulo: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis, RJ: Vozes, 2006..

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, Wolfgang: Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luis Costa (Org.): *Teoria da literatura em suas fontes*. volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SANTIAGO, Silviano: Poder e Alegria. In: *Nas malhas da letra: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.11-53.

SARTRE, Jean Paul. *O que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1989.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.